

São Carlos, 27 de junho de 2020

Uma carta para Giordano¹

Amigo e companheiro Bruno,

Escrevo a você deste país distante. Daqui, a cada dia, a névoa de nossos velhos romantismos se esvai mais e mais. Temo não podermos mais encontrar o caminho como fazíamos naquelas aventuras musicais. Nunca o mundo esteve tão afastado daquela máxima hermética que você tanto admirou e o que está em cima, nem de perto é como o que está em baixo.

Vivemos aqui com as gargantas fechadas. As águas que correm neste país nos arrepiam. Muitas vezes as árvores tremem e o que podemos fazer é apenas recolher suas folhas. É preciso que você saiba que não há como falarmos delas sem disfarce, ou com o coração aberto. O Ele, para o qual ergueram grandes catedrais, não pode salvar tudo. Ou você pensa que pode? Aqui tudo treme sempre, sempre. Sentimos os movimentos subterrâneos e, de súbito, parecem harpias as faces que surgem à nossa frente, implacáveis, com a intenção de arrancar confissões a quem quer que seja. Nada vemos além daquilo que importa, no entanto, trememos. Por quê? Há qualquer coisa de tenebroso. Quando éramos mais jovens, tínhamos medo. Aproveitaram-se da nossa confusão. Hoje nos dizem: Estão vendo? Nós vamos enterrar vocês, o momento chegou. Pensamos: é verdade, podemos ser enterrados nesta tarde se for este o momento. Não ousamos correr muito, com medo de, ofegantes, chegarmos a uma vala já aberta e sem tempo de dizer uma só palavra, sem respiração. Há sempre leões nos vilarejos, que passeiam sem constrangimento algum. Se não prestarmos atenção a eles, nem reparam em nós. Se uma jovem corre diante deles, não perdoam sua emoção. Imediatamente a devoram. O Ele vem de longe para nos acusar e assustar. Quando você vier verá por si mesmo e se espantará. As formigas apertam o cerco, inquietas, trabalham arrastando o ventre na terra, elas empurram poeiras. Não se interessam por nós, nenhuma levanta a cabeça, fecham-se em si e espalham-se por todo lado. Nada importa a elas, suas preocupações estão em casa. De nada valeria ficarmos em casa esperando. A educação do medo não é bem feita aqui, ignoramos as regras. Quando o acontecimento aparece, somos apanhados de surpresa.

Essas últimas palavras não foram completamente minhas, eu as trouxe daquele poema de Henri Michaux, que nosso amigo ido traduziu, *Escrevo a você de um país distante*. É distante, Bruno, mas daquela mesma distância que violentamente se avizinha.

1 Apêndice de encerramento do dossiê Estudo e Criação em Arte e Educação. Autoria de Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa.

Outro dia pensei no seu saber. Tento agora, às mínguas, produzir alguma coisa que valha a dor de perturbar as palavras. Lembrei-me das suas sobre como alguns antigos observavam o animal humano com toda a verve de um corpo inflamado. Dele, colhiam alguns princípios para alongar sapiências sobre o cosmos e os universos. Hoje tentamos trabalhos mais diretos e sem emoção, quietos, ninguém levanta a cabeça sob o risco de ser esmagado. Nossas preocupações estão em casa. Nossas bases, as buscamos nos astros e nas leis universais e são elas que usamos para esquadriñar, explicar e delimitar uma natureza para chamar de humana. O animal humano, aqui, quase não tem mais vísceras. Ele se infla todo sob a aparência de alguns nomes, feito aquele pavão bobo que seguia você para todo lado.

Lembrei-me também das palavras de nosso velho amigo sobre essa espécie de ciência que tortura a carne para fazer caber nela um espírito-total, um conceito ou uma teoria de mercado que valha algum trocado.

Não me lembro bem, necessito que me ajude. Como era aquela fórmula que você ensinou a sentir quando o leite desce pela garganta? *...corpo, leite, vaca, pasto, terra, chuva, céus, astros, universos...universos, astros, céus, chuva, terra, pasto, vaca, leite, corpo... uma imagem viva*. Era mesmo assim? Nosso amigo também sabia ensinar a importância de sermos os grãos das pequenas coisas, voados aos ventos das grandes mudanças. E vocês dois riam juntos da minha falta de vontade compreender o que diziam. Aqui, no universo onde existo e exerço algum ofício, aprendemos a engolir maçãs, Bruno. Não como aquela fabulosa que ascendeu a mulher à fascinante queda além-jardim. As maçãs que engolimos, sem qualquer ruminação, são como aquela que estatelou sobre a cabeça de um homem que dormia. Sobre a cabeça de um homem que, desperto, distribuiu maçãs como fórmulas da gravitação universal. Sabemos, você e eu, que também ele não pôde se adequar aos perigos das grandes respostas, nem à alegria efêmera que elas nos causam. Mas aqui, minha situação é como a daqueles homens sobre os quais escreveu Salinger, que nada mais podiam entender. Como eles, apenas engolimos as maçãs e educamos outros para que façam o mesmo.

Assisti a um bom filme outro dia, o título era homônimo seu. Tratava-se de um dominicano, um mago que andou por muitos reinos da Europa e foi expulso de todos eles por seus monarcas. Ele ensinava que linhas invisíveis ligavam as pequenas coisas da Terra, como o poder dos homens, aos infinitos mundos que ainda não conhecemos. Disso pensei que o desconhecimento ignorante possa ser, de fato, a única base que sustenta poderes tão tirânicos. *Uma nova visão do cosmos deve, necessariamente, corresponder a uma nova concepção do homem. Se é a Terra que gira em volta do Sol, bem como os outros planetas giram em volta do Sol, se existem outros sistemas solares dispersos pelo Universo, se isso é verdadeiro, e é verdadeiro, então Deus não está no alto, acima de nós, fora do mundo, mas em toda a parte, em cada partícula de matéria, tanto viva como inerte. É a própria matéria!* Por este discurso, ele foi expulso da Universidade de Frankfurt. Outros pensantes como ele, como você e como nosso amigo, *flâneurs*, foram também expulsos por aquela mesma petulância burguesa.

Apreendi com você a observar os homens por aquelas correspondências entre o mundo animal, vegetal e humano. A ver homens como pássaros, gatos, ratos,

porcos, bois e também a ver nestes homens o caráter dos bois, porcos e ratos, ainda que jamais os aparentem. Mas foi só depois de muito tempo que compreendi os encantos de sua amada Circe, filha de Hécate, mãe da inefável Medeia, e sua arte de transformar os homens de Odisseu em animais: era nada menos que os aflorar a formas que as camadas de seus corpos escondiam. Aqui, neste país distante, muitos se comportam como os companheiros de Ulisses, pronunciam palavras ignorando seus significados, mais ainda seus mistérios. Somente assim é que poderiam passar toda a vida encobrendo os corpos dos próprios desejos.

Confinado pela Inquisição Romana, o dominicano fez assim sua oração:

*De nossos pensamentos afastemos
o escorpião da fraude,
a água da arrogância,
o peixe do indigno silêncio,
o leão da tirania.
Afastemos dos homens
esta noite de horrores.*

Diante do fim, amigo Bruno, este mago sabedor pôde abjurar seus ditos e escritos. Diante dos homens de púrpura, disse que quando escreveu que os processos usados pela Igreja não eram os dos Apóstolos, porque a Igreja usava o poder, não o amor, ele não estava enganado. Disse também que sua filosofia era a livre procura, não o dogma, e que, por isso, também não estava equivocado. Mas ele reconheceu seu erro, Bruno. *Errei, quando acreditei poder pedir à Igreja que combatesse um sistema de superstição, de ignorância, de violência. Errei, eu, quando acreditei poder reformar a condição dos homens com a ajuda deste ou daquele príncipe. Que mortificação, pedir a quem tem o poder para que reforme o poder.*

O destino foi fatal, Bruno, mas do que isso. Antes de amordaçarem a boca, atravessaram sua língua com um gancho preso à mordança. Foi um gesto ímpio, amigo Bruno, ver seu corpo consumido pelas chamas desta forma, sem que qualquer palavra, grito ou gemido pudesse ser ouvido, mesmo isso lhe foi negado, meu amado amigo. Com você, também meu corpo tremeu e inflamou. Naquele momento, Bruno, não fomos apenas corpos ardentes que sequer podiam gritar. Naquele instante, fomos uma sorte de possibilidades, de imaginários, de hermetismos e saberes incandescentes que foram violentamente silenciados e banidos. Aquelas chamas incineraram um mundo, Bruno, e, conosco, a possibilidade de que tudo pudesse ser diferente.

Um último pensamento me ocorre, um alumbramento de palavras que você dizia: *as crianças trazem dentro de si uma magia natural que, pouco a pouco, crescendo, são estranguladas a destruir, e então começam a rezar à Santíssima Trindade e aos Santos, a Nossa Senhora, uma grande madona azul, cheia de ouro e incensos. Temos que aprender a respirar para redescobrir que as árvores, as pedras, os animais e toda a máquina da Terra têm um respiro interno, um respiro interno como nós. Têm ossos, veias, carne como nós.*

Encontrei ainda hoje uma carta de nosso amado amigo. Eu ainda não a havia lido e demorei para conseguir ver as letras da carta, tão úmidos estavam meus olhos. Ele contava um pouco da viagem que fez pela Via Salária, na mesma Roma que incendiou os sábios, e dizia também de seu espírito quando lia elegias nas lápides pelo caminho. Sobre esta, estava esculpida a figura de uma criança adormecida: *Observe que súbito se extingue a flor que antes floria, veja que, num repente, o que estava erguido cai. Ao nascer, morremos, e o fim pende da origem.*

Quando poderemos, enfim, nos encontrar outra vez?

sempre seu,
A.